



## MATERIAL PEDAGÓGICO N.º 7

### HISTÓRIAS DE VÍTIMAS DE TRABALHO INFANTIL

#### EQUIPA N.º 1

1. [John Allet](#) começou a trabalhar numa fábrica de tecidos quando tinha 14 anos de idade. Allet foi entrevistado por Michael Sadler e pela sua comissão da Casa dos Comuns, em 21 de maio de 1832. Tinha então 53 anos.

**Pergunta:** Pode dizer-nos se houve um aumento das horas de trabalho?

**Resposta:** Quando comecei a trabalhar em fábricas, trabalhava cerca de 11 horas por dia mas, com o passar do tempo, aumentou para 15, 16 e, por vezes, 18 horas. Vi os meus próprios filhos estranhamente ativos, mas mais para o final da semana começavam a ficar exaustos.

**Pergunta:** Trabalhavam quase sempre em pé?

**Resposta:** Sempre. Não podia haver qualquer descanso.

**Pergunta:** Estavam excessivamente sonolentos?

**Resposta:** Muito sonolentos. Ao final do dia, o meu filho mais novo perguntava-me: «Pai, que horas são?». Acho que lhe dizia: « São sete horas.» . «Oh! Ainda faltam duas horas para as nove?». Não conseguia suportar isso. Pensei que preferia tê-los visto morrer à fome do que serem abusados daquela maneira. Ouvia-o gritar a poucos metros de chegar à porta de casa: «Mãe, o meu jantar já está pronto?». E, quando descia das minhas costas, adormecia antes de comer.

**Pergunta:** Quando é que essa criança começou a trabalhar na fábrica?

**Resposta:** Tinha entre 6 e 7 anos de idade.

**Pergunta:** Dão-se mais acidentes no período final do dia?

**Resposta:** Sei de mais acidentes que ocorreram durante o início do dia do que ao final do dia. Fui testemunha de um deles. Uma criança estava a trabalhar a lã, ou seja, a preparar a lã para a máquina, mas ficou presa na correia, uma vez que estava quase a dormir, e foi puxada para dentro da máquina. Encontrámos partes do corpo espalhadas, foi cortada em pedaços. Todo o corpo foi engolido e despedaçado.



2. [Elizabeth Bentley](#) nasceu em Leeds, em 1809. Começou a trabalhar numa fábrica de linho aos 6 anos. Elizabeth foi entrevistada por Michael Sadler e pela sua comissão da Casa dos Comuns, em 4 de junho de 1832. Contou como o trabalho na sala de cardar afetou gravemente a sua saúde: «Havia tanta poeira, o pó entrava nos meus pulmões e o trabalho era tão pesado. O meu estado de saúde agravou-se de tal forma que, quando pegava nos cestos para os pousar no chão, os meus ossos deslocavam-se.» Explicou que estava agora «bastante deformada». E contou ainda que «tudo começou por volta dos 13 anos de idade e tem piorado desde então».

**Pergunta:** Quantas horas trabalhava?

**Resposta:** Quando era criança, trabalhava das cinco da manhã às nove da noite.

**Pergunta:** Quanto tempo havia para as refeições?

**Resposta:** Tínhamos 40 minutos ao meio dia.

**Pergunta:** Havia um intervalo para tomar o pequeno-almoço ou para beber?

**Resposta:** Não, fazíamos-lo conforme podíamos.

**Pergunta:** Tinha tempo para comer o pequeno-almoço?

**Resposta:** Não. Éramos obrigados a pô-lo de parte ou a levá-lo para casa e, quando não o levávamos, o supervisor dava-o aos porcos.

**Pergunta:** Se por acaso abrandasse o ritmo ou chegasse atrasada, o que acontecia?

**Resposta:** Batiam-nos com correias.

**Pergunta:** Que tipo de trabalho fazia?

**Resposta:** Pesava o linho na sala de cardar.

**Pergunta:** Quanto tempo trabalhava nessa sala?

**Resposta:** Das cinco e meia da manhã às oito da noite.

**Pergunta:** Como era a sala de cardar?

**Resposta:** Poeirenta. Era impossível ver os outros com tanto pó.

**Pergunta:** O trabalho na sala de cardar afetou a sua saúde?

**Resposta:** Sim, havia muita poeira, o pó entrava nos meus pulmões e o trabalho era muito pesado. O meu estado de saúde agravou-se de tal forma que, quando pegava nos cestos para os pousar no chão, os meus ossos deslocavam-se.

**Pergunta:** O facto de estar fisicamente tão deformada deve-se a esse trabalho?

**Resposta:** Sim, deve-se.

**Pergunta:** Quando é que o seu corpo começou a deformar-se?

**Resposta:** Tinha cerca de 13 anos de idade quando começou e tem piorado desde então. Quando a minha mãe morreu, tive de tomar conta de mim própria.

**Pergunta:** Onde vive agora?

**Resposta:** Num asilo.

**Pergunta:** É absolutamente incapaz de trabalhar nas fábricas?

**Resposta:** Sim.

**Pergunta:** Gostaria de ter podido trabalhar enquanto fosse capaz, desde a sua mais tenra idade?

**Resposta:** Sim.

**Pergunta:** E ajudou a sua mãe viúva enquanto foi capaz?

**Resposta:** Sim.



## EQUIPA N.º 2

1. [John Birley](#) nasceu em Bethnal Green, em Londres, em 1805. O pai de Birley morreu quando este tinha apenas 2 anos de idade. A mãe adoeceu e, em 1810, Birley e a irmã foram levados para a *workhouse* (asilo) de Bethnal Green. Birley contou a certa altura: «Tínhamos boa comida, boas camas e davam-nos liberdade duas ou três vezes por semana. « »Ensinavam-nos a ler e tratavam-nos bem em todos os aspetos.»

«No ano em que a minha mãe morreu, tinha eu entre 6 e 7 anos, apareceu um homem à procura de alguns aprendizes da paróquia. Mandaram-nos a todos para a sala do conselho de direção. Éramos cerca de 40. Estavam, se não me engano, cerca de 20 senhores sentados a uma mesa, com canetas e papéis à frente. Chamaram os nossos nomes um por um. Estávamos todos em pé à frente deles, em fila. Quando chamaram o meu nome, avancei para o meio da sala.» O homem disse: «Bem, John, tu és um bom rapaz. Gostavas de ir para o campo?». Ele respondeu: «Sim, senhor.».

Birley foi levado para Buxton, em Derbyshire. «Chegámos a Buxton às quatro da tarde de sábado. Uma charrete coberta estava à nossa espera. Entrámos todos e partimos para a casa de aprendizagem de Litton Mill, a cerca de dez quilómetros de Buxton. A charrete parou e nós dirigimo-nos para a casa, onde estava o mestre, que nos examinou e decidiu onde seríamos colocados. Trouxeram-nos algo para comer. Tínhamos todos muita fome, mas não conseguimos comer. Deram-nos bolos de aveia de Derbyshire, uma coisa que nunca tínhamos visto. Eram amargos como vinagre.»

John Birley ficou a saber que era, então, um aprendiz no complexo industrial de Cressbrook. «O nosso horário regular era das cinco da manhã às nove ou dez da noite. Aos sábados trabalhávamos até às onze da noite e, muitas vezes, até à meia noite. Ao domingo mandavam-nos limpar as máquinas. Não havia tempo para o pequeno-almoço, não podíamos sentar-nos para jantar, nem havia tempo para beber chá. Chegávamos à fábrica às cinco da manhã e trabalhávamos até nos trazerem o pequeno-almoço por volta das oito ou nove, umas papas de água e aveia, com cebola para dar sabor. O jantar era bolo de aveia de Derbyshire cortado em quatro fatias e dividido em dois blocos. Um barrado com manteiga e outro com melaço. Ao lado do bolo havia latas de leite. Bebíamos o leite e, com o bolo na mão, voltávamos ao trabalho sem nos sentarmos. Trabalhávamos depois até às nove ou dez da noite, até a roda do moinho parar. Parávamos de trabalhar e regressávamos à casa dos aprendizes, a cerca de 300 metros da fábrica. Era uma casa em pedra grande cercada por um muro, que tinha cerca de três metros de altura, com uma porta, a qual estava sempre trancada. Tinha capacidade para aproximadamente 150 aprendizes.»

Tal como a maioria dos aprendizes, Birley era tratado de forma muito cruel: «O Sr. Needham, o mestre, tinha cinco filhos: Frank, Charles, Samuel, Robert e John. Os filhos e um homem chamado Swann, o supervisor, caminhavam de um lado para o outro na fábrica com varas de aveleira. Uma vez, Frank bateu-me até apanhar um susto. Pensou que me tinha matado. Acertou-me nas têmporas e deixou-me inconsciente. Um dia, atirou-me para o chão e ameaçou-me com um pau. Levantei o braço para proteger a cabeça e ele bateu-me no braço com toda a sua força. Partiu-me o cotovelo. Carrego as marcas, sofro com isso até hoje e hei de sofrer para o resto da minha vida.»

Birley decidiu informar a *worksouse* (asilo) de Bethnal Green sobre a situação: «Estava decido a contar ao senhor da paróquia de Bethnal Green sobre o tratamento que nos davam, pelo que escrevi uma carta com John Oats e entreguei-a na estação de correio de Tydeswell. A carta foi aberta e devolvida ao velho Needham, que nos bateu com uma bengala até mal podermos rastejar. Algum tempo depois, três senhores de Londres vieram visitar-nos. Porém, antes de nos examinarem, fomos



## CASA DA HISTÓRIA EUROPEIA

lavados e arranjados e obrigados a dizer-lhes que gostávamos de trabalhar na fábrica e que éramos bem tratados. Needham e os filhos estava presentes na sala. Fizeram-nos perguntas sobre a forma como éramos tratados, às quais respondemos tal como nos tinham ensinado, sem nos atrevermos a desobedecer, sabendo nós o que nos aconteceria se contássemos a verdade.»

No verão de 1849, John Birley foi entrevistado por Rayner Stephens. A história contada por John sobre a sua experiência como trabalhador infantil no complexo industrial de Cressbrook foi publicada no *The Ashton Chronicle*, em 19 de maio de 1849.

2. [Testemunho](#) de uma rapariga de 11 anos: em *Les débuts de l'industrie (Os inícios da indústria)*, p. 43, Inquérito da Comissão das Minas (1842):

«Trabalho há três anos no fundo da mina por conta do meu pai. Tenho de descer ao poço às duas horas da manhã e só subo à uma ou duas horas da tarde. Deito-me às seis horas da tarde para poder recomeçar no dia seguinte. No local do poço onde trabalho a jazida é muito íngreme. Com a carga às costas, tenho de subir quatro rampas ou escadas antes de chegar à galeria principal da mina. O meu trabalho consiste em encher quatro ou cinco vagões de duzentos quilos cada um. Tenho de fazer vinte viagens para encher os cinco vagões. Quando já não posso mais, levo uma sova. Fico bem contente quando o trabalho acaba, pois fico completamente de rastos.»

3. [Ata de inspeção](#) (Arquivos do Departamento de Loire, 88 M 21)

«Na vidraria do Sr. Irénée Laurent em Vauche, no dia 27 de julho às 5 horas da tarde, Jean-Marie Januel, com 8 anos, trabalhava na equipa cujo turno começa às 4 horas e termina à meia-noite... com a circunstância agravante de que o rapaz não ia à escola, não tinha carteira de trabalho e não estava inscrito no registo do pessoal, o que revela a premeditação de subtrair o rapaz ao nosso papel protetor.» «Em 9 de maio de 1891, às 2 horas da manhã, convencidos de que nos escondiam crianças que trabalhavam de noite, subimos a um sótão que servia de dormitório, onde descobrimos Granger Joseph, escondido numa cama onde tinha acabado de se deitar todo vestido, com o chapéu na cabeça e os sapatos nos pés, e segurando ainda o gancho que utilizava no trabalho. Respondendo às nossas perguntas, começou por dizer que não trabalhava, que se deitava assim, todo vestido; mais tarde, diante do Sr. Perrichon, declarou que fazia parte do turno da noite que trabalhava da meia-noite ao meio-dia. Como não ousámos entrar no dormitório das raparigas, parámos o nosso inquérito, persuadidos de que estariam lá escondidas raparigas menores deitadas todas vestidas.»



## EQUIPA N.º 3

### William Dodd, *A Narrative of the Experience and Sufferings of William Dodd, a Factory Cripple* (*Narrativa da Experiência e dos Sofrimentos de William Dodd, um Aleijado*) (1841)

Aos 6 anos tornei-me operário numa fábrica de fição. A minha função não será facilmente compreendida pelo leitor, a menos que este saiba como funciona a máquina de fiar lã, o banco de fusos. O banco de fusos tinha uma forma similar à letra «H», sendo que um dos lados era fixo e o outro móvel, podendo ser empurrado para debaixo da parte fixa, semelhante a uma gaveta de uma mesa. A parte móvel, ou carruagem, deslizava para trás e para a frente, apoiada em seis rodas de ferro, ao longo de três carris de ferro, tal como uma carruagem num caminho de ferro. Nesta carruagem existem entre 70 e 100 fusos, todos movidos por meio de uma roda, comandada pelo fiandeiro. Quando o fiandeiro faz deslizar a carruagem para debaixo da parte fixa da máquina, obtém um determinado comprimento de manelo para cada um dos fusos, mais ou menos 25 a 30 cm, que retira da carda e transforma em fio. Terminado o trabalho, o fiandeiro enrola o fio nos fusos, coloca a carruagem na posição inicial e obtém novamente o manelo.

A minha função era pegar em cerca de 20 manelos de uma vez com a mão esquerda. Segurava-os a cerca de 10 cm de uma das pontas, fincando a outra ponta pendurada; pegava nas outras pontas com a mão direita, uma de cada vez, para fazer a junção, sobrepondo as pontas dos manelos em cerca de 5 cm, e friccionava-as sobre o pano de lona com a palma da mão. A minha função exigia muita destreza, a fim de poder manter o fiandeiro bem fornecido. Um bom trabalhador conseguia preparar manelos para 30 a 40 fusos.

O número de manelos que passam pelos dedos de um *piecer* (operador encarregado de ligar os fios) ao longo de um dia é muito elevado. Cada junção de fios requer três ou quatro fricções, num espaço de 7 a 10 cm, e a fricção contínua sobre o pano áspero provoca um desgaste da pele e o sangramento do dedo. Para fazer o seu trabalho, o *piecer* mantém o pé direito à frente e está de lado, mantendo sempre a parte direita do corpo virada para a estrutura da máquina. A sua deslocação ao longo da estrutura, para fazer o trabalho de junção, não é um movimento para a frente ou para trás, mas sim um movimento deslizante, em que mantém constantemente o lado direito do corpo virado para a estrutura. Nesta posição, mantém as mãos, os pés e os olhos em constante movimento ao longo do dia. É fácil perceber que o seu joelho direito suporta a maior parte do peso do corpo, sendo esta, quase sempre, a primeira articulação a falhar.

Trabalhei muitas vezes nesta máquina até atingir um ponto em que dificilmente conseguia chegar a casa. As pessoas viam-me na rua naquele estado, a arrastar os pés, e aconselhavam-me a deixar de trabalhar nas fábricas. Mas eu não mandava em mim próprio. Durante o dia, olhava muitas vezes para o relógio e calculava quantas horas teria ainda de trabalhar. Passava os serões a preparar-me para o dia seguinte, friccionando os joelhos, os tornozelos, os cotovelos e os pulsos com óleo, etc.. Ia para a cama e chorava até adormecer, rezando para que o Senhor me levasse para junto de si antes de amanhecer. [...]

As minhas pernas ficaram distorcidas. Na posição mais fácil, quando os pés ficam cerca de 35 cm afastados, unem-se os joelhos e as coxas, fazendo pressão para que as pernas formem uma espécie de arco e sirvam de suporte ao corpo. A flexão e a curvatura das pernas afetam a circulação nos vasos sanguíneos. Uma consequência grave de uma má circulação do sangue é a secagem da medula óssea e a consequente deterioração dos ossos.



Na primavera de 1840, comecei a ter algumas dores no pulso direito, provocadas pela debilidade generalizada das minhas articulações, fruto do meu trabalho nas fábricas. O inchaço e as dores aumentaram e, embora tivesse sido visto por médicos, de nada adiantou. Após ter estado sem trabalhar durante algum tempo e vendo os meus recursos diminuírem, acabei por ter de ser internado no Hospital de St. Thomas, onde recebi todos os cuidados e atenção de que necessitava. Tornou-se rapidamente claro para todas as pessoas por quem fui visto que, em breve, ou perderia a mão ou perderia a vida. Os cirurgiões do hospital chegaram à conclusão de que a amputação era absolutamente necessária. Fui operado a 18 de julho. A mão foi amputada um pouco abaixo do cotovelo. E com isto, este plano de superar esta privação e manter-me afastado da fábrica saiu frustrado e gorado.

**William Dodd entrevistou John Reed, um antigo empregado de Richard Arkwright, no seu livro *The Factory System*:« »*Illustrated (O Sistema Fabril Ilustrado) (1842)***

John Reed é um jovem tristemente deformado que vive em Cromford. Conta, assim, a sua triste história: «Fui trabalhar para a fábrica de algodão dos Srs. Arkwright aos 9 anos. Na altura, era um rapaz bastante forte, saudável e com todos os membros perfeitos. Ganhava no início 2 xelins por semana, por 72 horas de trabalho. Trabalhei nesta fábrica durante 10 anos, tendo sido gradualmente aumentado até passar a receber um salário de 6 xelins e 3 dinheiros por semana, o salário mais elevado que alguma vez recebi. Fui ficando cada vez mais aleijado até que, aos 19 anos, já não era capaz de trabalhar em pé na máquina e tive que desistir. Ganhei um total de 130 xelins e, por este montante, tornei-me um inválido miserável, como pode ver, abandonado por aqueles que beneficiaram do meu trabalho, sem um único dinheiro.»

Aqui está um jovem que, manifestamente, devia ser um homem vigoroso, mas é um aleijado no auge da vida e todas as suas perspetivas de vida desperdiçadas para sempre! Poucas vezes vi um homem tão aleijado. Só consegue manter-se de pé com uma bengala numa mão e a outra apoiada numa cadeira; as pernas estão totalmente deformadas. O corpo, da testa aos joelhos, forma uma curva, semelhante à letra «C». Não se atreve a deixar a casa, mesmo que pudesse; as pessoas ficam a olhar para ele. Está agora a aprender a fazer sapatinhos de bebé e espera vir a ser capaz de ganhar a vida assim.

Dei vários passeios nas redondezas deste lugar lindo e romântico e vi o esplêndido castelo e outros edifícios que pertencem aos Arkwrights e não pude evitar comparar, mentalmente, as condições atuais em que vive esta família abastada com as condições humildes do seu fundador, em 1768. Seria de esperar que pessoas que ascenderam a uma tal riqueza e eminência sentissem alguma compaixão pelos seus pobres aleijados. Se a explicação é não saberem da sua existência e que só faltava chamar-lhes a atenção, desejo sinceramente e ousar crer que o caso de John Reed chegue agora ao seu conhecimento.



## EQUIPA N.º 4

1. [David Bywater](#) nasceu em Leeds, em 1815. Bywater foi entrevistado por Michael Sadler e a sua comissão na Câmara dos Comuns, em 13 de abril de 1832. Explicou as horas que era obrigado a trabalhar: «Começávamos à uma da manhã de segunda-feira e trabalhávamos até às oito, hora do pequeno-almoço; depois tínhamos meia hora de pausa; depois continuávamos a trabalhar até ao meio-dia e tínhamos meia hora para beber; e depois parávamos às onze e meia para nos refrescarmos durante uma hora e meia; depois continuávamos a trabalhar até à hora do pequeno-almoço, altura em que tínhamos meia hora; e depois continuávamos a trabalhar até ao meio-dia, hora do jantar, e tínhamos uma hora de pausa; e depois voltávamos a parar durante meia hora às cinco da tarde de terça-feira para beber; depois continuávamos a trabalhar até depois das onze e parávamos até às cinco da manhã de quarta-feira.» Bywater alegou que daí resultaram deformidades físicas: «Os meus joelhos ficaram todos deformados».

**Pergunta:** Que idade tinha quando começou a trabalhar no turno da noite nas salas de vapor?

**Resposta:** Tinha quase 14 anos.

**Pergunta:** Diga a esta comissão o trabalho que tinha de executar durante longas horas.

**Resposta:** «Começávamos à uma da manhã de segunda-feira e trabalhávamos até às oito, hora do pequeno-almoço; depois tínhamos meia hora de pausa; e depois continuávamos a trabalhar até ao meio-dia e tivemos meia hora para beber; e depois parávamos às onze e meia para nos refrescarmos durante uma hora e meia à meia-noite; depois continuávamos a trabalhar até à hora do almoço, altura em que tínhamos meia hora; e depois continuávamos até ao meio-dia, hora do jantar, e tínhamos uma hora de pausa; e depois voltávamos a parar durante meia hora às cinco da tarde de terça-feira, para beber; depois continuávamos a trabalhar até depois das onze e parávamos às cinco da manhã de quarta-feira.»

**Pergunta:** Nessa altura ia para casa?

**Resposta:** Não, dormíamos na fábrica.

**Pergunta:** Como é que dormia na fábrica?

**Resposta:** Tirávamos a roupa toda, menos as camisas, íamos para a parte mais quente da fábrica e dormíamos no meio dos tecidos mais secos que encontrássemos.

**Pergunta:** Comia as refeições em pé?

**Resposta:** Sim, púnhamos os cestos sobre as caixas.

**Pergunta:** Estava bem das pernas e dos braços quando começou a executar esse trabalho prolongado e excessivo?

**Resposta:** Sim.

**Pergunta:** Quais foram as consequências para as suas pernas e braços?

**Resposta:** Fiquei com os joelhos muito deformados.

**Pergunta:** Se se recusasse a trabalhar durante muitas horas e quisesse trabalhar menos tempo, teria conservado o lugar?

**Resposta:** Tinha de ir para casa. Era despedido imediatamente.

**Pergunta:** Disseram-lhe quais seriam as consequências de ter vindo depor?

**Resposta:** O meu capataz disse ao meu irmão que se eu viesse a Londres nem eu nem o meu irmão voltaríamos a ter emprego. O meu irmão disse que não podia fazer nada, mas acho que a primeira vez que fizer um trabalho que não agrada será despedido; porque se uma pessoa trabalha com a família e faz algo errado, toda a família é despedida.



2. **Sarah Carpenter** era filha de um soprador de vidro. Aos 8 anos, o pai morreu e a família teve de ir para a *workhouse* (asilho) de Bristol. Sarah recorda: «O meu irmão foi enviado para a *workhouse* (asilho) de Bristol do mesmo modo que muitas outras crianças - aos carros cheios de cada vez. Durante dois anos, a minha mãe não soube onde ele estava. Foi levado a meio da noite sem ela saber e os sacristãos nunca lhe disseram onde ele estava.»

Dois anos mais tarde, foi trabalhar com o irmão na fábrica de Cressbrook: «Normalmente, comíamos aveia. Era espessa e grosseira. A aveia era posta em latas. Deitavam-lhe leite e água a ferver. Era o nosso pequeno-almoço e a nossa ceia. O jantar era empadão de batata com uns pedaços de toucinho fumado cozido, com tanta gordura que mal a podíamos comer, embora tivéssemos tanta fome que éramos capazes de comer qualquer coisa. Chá nunca vimos, nem manteiga. Tínhamos queijo e pão escuro uma vez por ano. Só éramos autorizados a comer três refeições por dia, apesar de nos levantarmos às cinco da manhã e de trabalharmos até às nove da noite.»

Os castigos na fábrica eram extremamente duros: «O nome do mestre cardador era Thomas Birks, mas só era conhecido pelo nome de Tom, o Diabo. Era um homem muito mau - era encorajado pelo patrão a maltratar todos os operários, mas sobretudo as crianças. Vi-o puxar pela roupa de raparigas crescidas, com dezassete ou dezoito anos, atirá-las para cima dos joelhos e depois açoité-las com a mão, à vista de homens e rapazes. Todos tinham medo dele. Nem sequer nos deixava falar. Uma vez ficou doente e ficámos todos muito contentes. Desejámos que ele morresse.»

Algumas crianças tentavam fugir: «Éramos sempre fechados à chave numa sala fora das horas de trabalho, com medo que alguém fugisse. Um dia, deixaram a porta aberta. A Charlotte Smith disse que lideraria, se os outros a seguissem. Saiu, mas ninguém foi atrás dela. O patrão descobriu e ordenou que a fossem procurar. Pegou numa faca de trinchar, pegou-lhe no cabelo e cortou-o bem rente. Costumavam rapar o cabelo a quem fosse apanhado a falar com os rapazes. O cabelo rapado era um castigo horrível. Tínhamos mais medo dele do que de qualquer outro, porque uma rapariga orgulha-se do seu cabelo.»

Sarah Carpenter foi entrevistada por Rayner Stephens no verão de 1849. A história contada por Sarah sobre a sua experiência como trabalhadora infantil na fábrica de Cressbrook foi publicada na *The Ashton Chronicle*, em 19 de maio de 1849.





## EQUIPA N.º 5

### EXCERDOS DO LIVRO *A Memoir of Robert Blincoe (1828)*

No verão de 1799, correu o boato de que ia haver acordo entre a autoridade religiosa local, os superintendentes da *workhouse* (asiló) de St. Pancras e o proprietário de uma grande fábrica de algodão perto de Nottingham. Foi dito às crianças que, quando chegassem à fábrica de algodão, seriam transformadas em senhoras e em cavalheiros; que seriam alimentadas a rosbife e pudim de ameixa, que poderiam passear nos cavalos do patrão, que teriam relógios de prata e muito dinheiro para gastar. Em agosto de 1799, oito meninos e meninas de sete anos de idade, ou que se pensava terem essa idade, tornaram-se aprendizes da paróquia até que atingissem a idade de vinte e um anos. [...]

Os jovens recém-chegados foram conduzidos a uma sala espaçosa com mesas compridas e estreitas e bancos de madeira. Receberam a ordem de se sentarem a estas mesas - rapazes e raparigas separados. A ceia que lhes foi servida era composta de papas com leite com um aspeto azulado! O pão era parcialmente feito de centeio, muito escuro e tão mole que mal o podiam engolir, pois colava-se aos dentes. «Onde está o rosbife e o pudim de ameixa?», pensou.

Os aprendizes que vinham da fábrica chegaram. Os rapazes só trajavam uma camisa e calças. As camisas grosseiras eram totalmente abertas no pescoço e os cabelos pareciam nunca ter visto um pente. As raparigas, tal como os rapazes, não estavam calçadas nem tinham meias. Ao entrarem, alguns dos aprendizes mais velhos olharam para os recém-chegados, mas a grande maioria olhou primeiro para a ceia, que consistia de batatas novas distribuídas numa portinhola, que dava da cozinha para a sala comum.

Nas mesas não havia as toalhas a que os recém-chegados estavam habituados na *workhouse* (asiló) - não havia pratos, nem facas, nem garfos. A um dado sinal, os aprendizes correram para esta porta e cada um recebeu a sua ração, após o que voltaram para os seus lugares à mesa. Blincoe ficou perplexo ao ver como os rapazes puxavam a parte da frente das camisas e as levantavam com as duas mãos, para ali receber a ração de batatas cozidas que lhes estava destinada para a ceia. As raparigas, de forma menos indecorosa, agarraram nos aventais completamente sujos e gordurosos e, depois de receberem a sua ração, voltaram a correr para os seus lugares, onde, com grande apetite, devoraram a sua porção, parecendo ansiosas por encontrar mais comida. Depois, o grupo de esfomeados correu para as mesas dos recém-chegados e devorou com voracidade cada cõdea de pão e resto de papas que aqueles tinham deixado. [...]

Era preciso subir dois lances de escada para chegar à sala onde Blincoe e vários outros rapazes foram instalados. As camas eram uma espécie de manjedoura construída em fila dupla a toda a volta da sala. Os aprendizes dormiam aos pares em cada cama. O responsável chamou os recém-chegados e atribuiu a cada um um lugar e um parceiro na cama, não permitindo que os recém-chegados dormissem dois a dois. O rapaz que partilhava a cama com Blincoe saltou para o seu lugar e, sem sequer rezar uma prece, adormeceu ainda antes de Blincoe se despir. Quando se deitou, o fedor a roupas oleosas e gordura que o seu parceiro exalava quase lhe deu a volta ao estômago.

Blincoe ficou a trabalhar numa sala em que o capataz se chamava Smith. A primeira tarefa que ficou incumbido de realizar foi apanhar o algodão solto que caía no chão. Aparentemente, nada seria mais fácil, por isso entregou-se com zelo à tarefa, apesar de estar aterrorizado com o movimento circular e o barulho das máquinas e de se sentir muito incomodado com o pó e o algodão, que quase o sufocavam. Como não estava habituado ao fedor, rapidamente se sentiu mal e, por estar



## CASA DA HISTÓRIA EUROPEIA

constantemente a baixar-se, doíam-lhe as costas. Por isso, Blincoe tomou a liberdade de se sentar, mas depressa descobriu que esta atitude era estritamente proibida nas fábricas de algodão. Smith, o capataz, disse-lhe que tinha de se manter apoiado nas pernas. Assim fez até às doze horas, ou seja, durante seis horas e meia, sem a mais pequena pausa.

Depois de desempenhar esta tarefa, Blincoe foi promovido ao cargo mais importante de bobinador. Por ser demasiado baixo e não poder executar a tarefa de pé, foi colocado numa passadeira. Por mais que tentasse, não conseguia acompanhar a velocidade das máquinas. Debalde a pobre criança disse que não conseguia ser mais rápida. O capataz espancou-o com grande severidade. Tal como os aprendizes seus companheiros, Blincoe estava totalmente à mercê dos capatazes que, de um modo geral, considerava um bando de rufiões brutais, ferozes e incultos. Blincoe queixou-se ao Sr. Baker, o gerente, que só lhe disse: «se trabalhares bem, ninguém te bate». O capataz que era encarregado dele tinha um determinado volume de trabalho para realizar durante um certo tempo. Se as crianças não executassem a tarefa que lhes tinha sido atribuída, a culpa era do capataz, que era despedido.

Um ferreiro chamado William Palfrey, que residia em Litton, trabalhava numa sala que ficava por baixo da de Blincoe. Ficava sempre muito perturbado pelos gritos e pelo choro dos rapazes. Segundo Blincoe, o sangue humano muitas vezes escorreu dos andares mais altos para os mais baixos. Incapaz de suportar os gritos das crianças, Palfrey costumava bater no chão com tal violência que as tábuas saltavam, gritando «Tenham vergonha! Tenham vergonha! Estão a matar as crianças?». Graças ao seu comportamento, o compassivo ferreiro punha um travão à crueldade dos brutais capatazes enquanto estava na loja. Mas assim que ia para casa, às sete horas, e assim que Woodward, Merrick e Charnock sabiam que tinha partido, espancavam os aprendizes sem qualquer moderação. [...]

Um rapariga chamada Mary Richards, considerada de uma beleza notável quando saiu da *workhouse* (asilo) não tendo ainda atingido os dez anos de idade, ocupava-se de um banco de estiragem, sob o qual, a cerca de meio metro do chão, existia um veio horizontal que fazia rodar o tear. Aconteceu numa noite em que o seu avental ficou preso numa correia. Num instante, a pobre rapariga viu-se arrastada por uma força violenta e foi lançada por terra. Os seus gritos eram tão lancinantes que partiam o coração! Blincoe correu na sua direção, espetador atónito e impotente de uma cena de horror. Viu-a girar e voltar a girar em torno do veio e ouviu os ossos dos seus braços, pernas, ancas a estalarem e a despedaçarem-se, quase reduzidos a átomos enquanto a máquina a fazia dar uma e mais voltas e arrastava o seu corpo cada vez mais para o interior da engrenagem. O sangue salpicava o tear e jorrava no chão, a cabeça reduzida a fragmentos. Por fim, o seu corpo lacerado ficou preso entre o tear e o chão de uma forma tão rápida que bloqueou as pás da roda de água e fez parar o veio principal. Quando conseguiram removê-la da máquina, tinha os ossos todos fraturados e a cabeça horrivelmente esmagada. Levaram-na já praticamente sem vida.